ANAIS
VIII ENCONTRO DE PESQUISA EM ARTE DA FUNDARTE
III SEMINÁRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA DA UERGS/MONTENEGRO
2015

Diário de uma viagem (re)inventada

Andreia Salvadori[1]
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS
Mariana Silva da Silva[2]
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Resumo: Este trabalho apresenta minha pesquisa poética sobre um *Diário de uma viagem (re)inventada*, que tem por objetivo recriar uma viagem a partir das narrativas de áudio de pessoas que moram em outros países. Este diário de curiosidades teve início nos encontros promovidos pela Igreja Católica Apostólica Romana, proporcionando contatos e trocas de experiências. As pessoas originárias de países como Alemanha, Argentina, Canadá, China, Filipinas, Holanda, México, Peru, Portugal, Singapura, Uganda, Uruguai e Venezuela gravaram narrativas sobre suas culturas, economias, religiões e geografias, permitindo que eu me apropriasse de suas falas para criar uma viagem, permeada de coleções. A reunião de elementos naturais, artefatos e fotografias fazem parte de uma viagem reinventada, resultando em uma exposição destas coleções particulares. O trabalho traça ainda um mapeamento de artistas contemporâneos que configuram em suas obras coleções, museus e mapas afetivos. A pesquisa também apresenta uma relação com a literatura e a narrativa sobrepondo noções de realidade e ficção.

Palavras-chave: Diário de viagem; narrativa; coleção.

Desenvolvimento

Este trabalho de conclusão de curso, começou através das experiências e contatos com pessoas de outros países, por meios de Encontros Religiosos e entrevistas, em que treze pessoas de diferentes países participaram e relataram sobre a sua cultura local, o clima, a geografia, a religião, a economia, a gastronomia, abordaram questões cotidianas reflexivas sobre o local que vivem e como experimentam estes lugares. Baseando-me nas narrativas coletadas realizei meu trabalho artístico que foi uma exposição permeando pelas coleções, gravuras, fotografias e áudio.

Para realizar uma viagem sem sair do próprio lugar, procurei em Alberto Manguel e Gianni Guadalupi, que escreveram suas aventuras em muitos lugares do

[1] Graduada em Artes Visuais – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Curso de Extensão em andamento "Música nas Escolas do Rio Grande do Sul: Um Programa de Formação Continuada para Professores das Redes Públicas" pela UERGS e UFRGS.
[2] Professora Orientadora Mariana Silva da Silva - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

nosso planeta. São lugares que existem, estão nos mapas literários, criando acontecimentos e personagens imaginários, que permeiam a literatura.

O livro *Viagem ao Redor do meu Quarto* de Xavier de Maistre, foi que despertou minha curiosidade em fazer do trabalho um guia de viagem (re)inventada sem sair do meu próprio país.

Com os artistas viajantes Jean de Léry (1534–1611 França), Debret (1768–1848 França) e o pintor Albert Eckhout (1610-1666 Holanda), que se deslocavam para outros lugares para conhecer e registrar através de várias técnicas como desenho, pintura, gravura o que viram e conheceram resultando numa forma de diário de viagem, relacionando tudo isso com o ato de viajar.

Cinco participantes das gravações dos áudios eu conheci pessoalmente e solicitei a narrativa que foi da Argentina, Portugal, Uruguai, Uganda e Venezuela, os outros oito foram através de amigos que conheciam pessoas desses países como da Alemanha, Canadá, China, Filipinas, Holanda, México, Peru e Singapura.

Com a coleta das narrativas de outros países, ao recebê-las, houve um deslocamento de sua origem, de seus registros locais, reorganizadas, apropriei-me delas para criar minhas interpretações. Para escrever sobre essas narrativas cito o texto *O narrador* de Walter Benjamin (1892-1940 Alemanha), que discute várias formas de narrativas.

Benjamin afirma que as melhores narrativas escritas são “[...] as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”. (BENJAMIN, 1994, p. 198). Dividindo-se em dois tipos:

> "Quem viaja tem muito que contar", diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante. Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. (BENJAMIN, 1994, p. 198).

Em meu trabalho, a narrativa que está presente no áudio dos países está representada pelo narrador que vem de longe (como a figura do marinheiro comerciante) que conta sobre seu país, que relata para outras pessoas que não conhecem o país, o seu espaço físico vivenciado pelo marinheiro. E todos na

exposição podem ser o camponês sedentário que vive sem sair de seu país e conhece bem a tradição, que ouve a narrativa e cria a partir dela outras formas de narrar. Ao ouvir e observar as narrativas em áudio constatei que elas além de contarem fatos de suas cidades e países, vistos por eles, repercutindo em mim imagens geradas a partir da minha lembrança da memória.

Para escrever sobre experiência estabeleço relações do meu diário com os escritos do filósofo John Dewey (1859-1952 Estados Unidos) em seu livro *A Arte como Experiência*. Ele escreve que uma experiência sempre acontece porque estão ligadas às vivências das pessoas, muitas coisas são experimentadas, e com isso temos a experiência *singular* que é uma experiência que gera outras experiências com os atos dos fazeres como conversar, jogar, escrever.

Realizar uma viagem imaginária é para mim um abandonar-se das minhas carapaças defensivas e da minha identidade estabelecida, minha visão de mundo e de vida, para me abrir a novos olhares, sentimentos e prazeres. Imaginar o impensável, sentir o que era antes impossível, ser diferente do que se era. Deixar-se invadir pelo estranho é uma possibilidade que nos permite contemplar outros lugares para poder viajar. Pode-se percorrer o mundo todo sem nunca ter saído de casa.

Os meus trabalhos plásticos tiveram influências de trabalhos realizados anteriormente, durante a graduação, re/crio a vegetação com uma possibilidade infinita de colher e descobrir imagens para a minha produção. Tenho prazer em entintar, gravar, experimentar os elementos naturais que revelam a potencialidade da matéria como folhas de taquara, de pinheiro, raízes, pétalas de rosa. Agora essas vegetações são expostas como se pertencesse a outros lugares, essa impressão única, que é monotipia na Figura 1, revelada em novas imagens e dimensões na superfície do papel.



Figura 1: Vegetações nativas, Andreia Salvadori, monotipia, dimensões variadas, 2014.Fonte: Acervo pessoal.

Os mapas imaginários podem ser de alguns países específicos, após gravá-los em relevo seco sobre papel, pintei-os com terras da Alemanha, Argentina, França e Uruguai que são elementos naturais do próprio país como forma de autentificar o espaço relacionado com o tempo o concreto e o imaginário.

Os mapas na Figura 2 geraram imagens de diferentes porções de espaço, determinando territórios, fronteiras que se delimitam entre a imagem do relevo seco e o espectador. Os meus mapas não têm legendas e símbolos, nem palavras e não é dividido por estados ou cidades, apresenta-se de formas distintas de leituras e interpretações daquilo que eu chamo de “realidade de um local”, apresentando ao leitor uma opção de natureza, índice e país imaginário, determinando locais que podem ser rurais, urbanos, rios, montanhas e deserto.



Figura 2: Apresentações cartográficas de terras longínquas, Andreia Salvadori, relevo seco sobre papel com terra, 25x35 cm, 2014. Fonte: Acervo pessoal.

Assim também para a Internacional Situacionistas, que foi um movimento político e artístico entre as décadas de 1950 e 1960 na França, fizeram os mapas afetivos, mapas geográficos alterados afetivamente. Um de seus mapas mais conhecidos, *Naked City*, 1957, traz referência em seu título a um filme da época, alterando graficamente alguns monumentos da cidade de Paris, recortados e colados de forma aleatória.

A obra do artista Marcel Broodthaers (1924-1976, Bélgica) igualmente apresenta pontos relevantes para compreendermos o espaço expositivo como um local de acervo muitas vezes inventados. O artista começou uma coleção em Bruxelas na sua casa, de um museu fictício de doze seções chamado *Musée d'Art Moderne, Départament des Aigles* (1968). A entidade não tinha um lugar permanente nem coleção, contendo objetos criados, filmes, reproduções de arte e coisas efêmeras como etiquetas de paredes, caixas, cartões postais e Broodthaers era o próprio curador da exposição.

Para entender o que é uma coleção, penso que são todos objetos reunidos pela mesma natureza, por sua raridade e pelo seu valor documentário. Possuo diversas coleções particulares, como uma coleção de lápis desde a década de 60 até lápis comprados atualmente em museus, coleções de borboletas, moscas, conchas, terras e objetos antigos como bibelôs, fotografias, documentos, livros, máquina de escrever, folders de exposições e dinheiro antigo. Para este trabalho vasculhei na minha coleção de borboletas e fotografias antigas da família e de cidades, apropriei-me das imagens para expor como um documento histórico relacionando com os mais antigos relatos de países. Apropriando-me destas fotografias, ressignifico-as e as reconstruo poeticamente como parte integrante do *meu diário de viagem*.

Neste trabalho de Figura 3, 4 e 5, utilizo apenas as terras, conchas, pedras, sementes e artefatos que são de outros países, somente as borboletas são naturais do Brasil. Os artefatos foram trocados como gesto de lembrança de um país com os outros nos encontros cristãos que participei e os presentes de amigos que viajaram para o exterior e trouxeram-me elementos naturais como conchas, pedras, folhas e sementes. Outros materiais que estarão expostos são peças de artesanatos como terço, pulseiras e tecidos.



Figura 3: Elementos naturais de todos os continentes, Andreia Salvadori, objetos, dimensões variáveis, 2010 a 2014. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 4: Borboletas de todos os continentes, Andreia Salvadori, coleção de borboletas, dimensões variáveis, 2009 a 2014. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 5: Artefatos e artesanatos, Andreia Salvadori, objetos, dimensões variáveis, 2012 a 2014. Fonte: Acervo pessoal.

Numa das visitas na casa de meus pais, minha mãe entregou-me uma caderneta de estudos de meu avô da Figura 6, na primeira tentativa de ler o que estava escrito não foi tão curioso como admirar a letra escrita com bico de pena e tinta de nanquim. Em seguida comecei a ler o que estava escrito e descobri sua caderneta de estudos de geografia, que traz informações de populações sobre cidades mais

numerosas dos estados brasileiros, alguns países como Estados Unidos e México, os maiores rios de mundo, entre outras informações. Apropriei-me deste estudo para então fazer parte do meu diário de estudos sobre viagem.



Figura 6: Aula de Geografia por Luigi Salvadori, Andreia Salvadori, caderneta, 1941/2014. Fonte: acervo pessoal.

O conceito de coleção dentro de uma coleção de arte, ou de espaços da arte, também está presente na obra de Mabe Bethônico (1966, Brasil) que trabalha o limite entre documentação e construção, apresentando como a informação podem ser trabalhadas e construídas. Colecionar, juntar, aglomerar, recolher, guardar, apropriar: um gesto do cotidiano tão simples se repete criando um ambiente artístico**.**

A ideia de coleção é retirar os objetos de circulação, de forma temporária ou definitiva e guardá-los preservá-los em lugares especializados, alguns são expostos e outros raramente podem ser vistos pelo público. Muitas vezes são pela funcionalidade, outras pela estética, científica ou ainda pelos gostos e interesses sobre certos objetos, gerando assim uma comparação de épocas, estilos e separados ou agrupados, com o objetivo de investigar e relacionar narrativas atravessadas por experiências e o desejo de agregar a materialização nas diversas formas de colecionar.

O autor Krzysztof Pomian (1934, Polônia) em seu texto *Coleções,* faz referência as coleções particulares e as de museus. Segundo o autor o primeiro museu surgiu na segunda metade do século XVII:

> [...] uma coleção, isto é, qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantido temporariamente ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e exposto ao olhar do público. (POMIAN, 1984, p.53).

Um museu estimula oportunidades às coleções particulares em tornar público as coleções e acessos a todos os tipos de classes sociais.

As coleções das fotografias de minhas viagens do meu acervo de fotografias pessoais ajudaram-me a realizar as seleções das fotografias antigas e atuais (Figura 7).



Figura 7: Fotografias de viagens, Andreia Salvadori, coleção de fotografias, dimensões variáveis, 2010 a 2014. Fonte: Acervo pessoal.

A montagem das fotografias neste trabalho levou-me a organizar as minhas próprias fotografias para a exposição, usando mais de uma imagem na mesma moldura.

O trabalho apresentado foi a exposição de minhas coleções para realizar a viagem (re)criada, e para mim são fragmento que complementam. Tudo isso é uma forma expositiva de apresentar uma viagem (re)inventada.

Conclusão

Ao concluir essa pesquisa percebi o quanto foi importante a reflexão e a articulação entre o fazer artístico e a pesquisa teórica. Aventurei-me nos acontecimentos literários, mapas, vegetações e cidades imaginadas, realizei assim várias viagens durante as leituras. O contato direto e indireto, que tive com pessoas que moram em outros países favoreceu esse trabalho. Partindo desses contatos, ocorreram trocas de objetos e áudios das narrativas presentes na exposição como forma de apresentar meu diário de viagem reinventada.

O conceito de coleção foi se formando aos poucos em meu trabalho como um ato poético em trazer para a arte as minhas curiosidades guardadas afetivamente que agora se permitem estar num ambiente expositivo.

O trabalho propos uma exposição de minhas coleções partindo dos Gabinetes de Curiosidades. E para pensar mais especificamente numa exposição trouxe a ideia de Rejane Cintrão que escreve sobre a maneira de mostrar uma seleção de obras fazendo parte do curador, e eu fui curadora de minha exposição, porque eu decidi como montar, selecionar, expor as ideias, como eu poderia deixar as peças próximas que dialogasse entre si, como o espaço seria propício para minhas coleções, tudo isso para enriquecer a significação dos objetos expostos.

Referências

8º Bienal do Mercosul: **ensaios de geopoéticas**: catálogo. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

ARCHER, M. **Arte Contemporânea**: Uma História Concisa. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2012.

BENJAMIN, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CINTÃO, R. As montagens de exposições de arte: dos Salões de Paris ao MoMA. In: RAMOS, A. D. (org.) **Sobre o ofício do curador**. Porto Alegre, RS: Ed. Zouk, 2010, p. 15 – 41.

CHIARELLI, T. **Apropriações|Coleções**. Porto Alegre: Santander Cultural, 2002.

ECKHOUT, A. **Presença da Holanda no Brasil**. Século XVII. Rio de Janeiro: 3ª edição, Edições Alumbramento, 1998.

JACQUES, P. B. **Apologia da Deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

MAISTRE, X. **Viagem ao redor de meu quarto**. Trad. de Armindo Trevisan. Porto Alegre. Ed. Mercado Aberto, 1998.

MANGUEL, A. **Dicionário de Lugares Imaginários** / Alberto Manguel; Gianni Guadalupi. Ilustr. de Graham Greenfield e Eric Beddows; mapas e plantas de James Cook; Trad. de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PEREC, G. **A coleção particular**. Trad. de Ivo Barros. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

POMIAN, K. Coleção. In: GIL, F. **Memória-História**. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 51- 86.

SCHUITEN, F.; PEETERS, B. **Les Guide des Cités**. Paris: Casterman, 2011.